

REVISTA
DE
CULTURA
VISUAL

Berlin<>Rio: trajetos e memórias

Andreas Valentin

Resumo:

Berlin<>Rio: trajetos e memórias é um projeto de pesquisa e artístico que, partindo da história de cinco gerações da família do autor. Aborda a coesão e sobrevivência em diferentes sistemas políticos e culturais, a saber: a Prússia no início do século XIX; o período após a unificação da Alemanha no final daquele século; a República de Weimar; os anos do Nazismo antes da Segunda Guerra Mundial; o Brasil, a partir do final dos anos 1930; e, finalmente, a volta à Alemanha nos anos 1960. O projeto trata, ainda, de migração, de chegadas e de retornos.

Materiais visuais são utilizados como fontes históricas para tornar os traços autobiográficos do passado visíveis no presente. Uma narrativa é criada através do diálogo entre imagens e documentos, em sua maioria oriundas do arquivo da família, bem como com reencenações na forma de fotografias contemporâneas. Juntamente com suas qualidades estéticas, as imagens também podem ser interpretadas como testemunhas de práticas sociais além de tematizar a maneira pela qual a própria fotografia é usada.

Palavras-chave: História Familiar; Fotografia; Exílio; Migração; Viagem; Alemanha; Brasil.

Abstract:

Berlin<>Rio: Routes and Memories is a research and artistic project which addresses the lifeline of the author's family, its cohesiveness, and its survival across five generations throughout different political and cultural systems, namely: Prussia at the beginning of the 19th century; the period after the unification of Germany at the end of that century; the Weimar Republic; the years of Nazism before WW2; Brazil, from the end of the 1930s; and finally the return to Germany in the 1960s. It deals also with migration, arrivals and returns.

Visual materials are employed as historical sources to make the autobiographical traces of the past visible in the present. A narrative is created through the dialogue between pictures and documents, which primarily stem from the family's archive, as well as films and re-enactments in



the form of contemporary photographs. Alongside their aesthetic qualities, the images can also be interpreted as witnesses of social practices and thematize the manner in which photography itself is used.

Keywords: Family History; Photography: Exile; Migration; Travel; Germany; Brazil.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo.

Walter Benjamin, *Escavando e Recordando*

1. A história familiar escavada e reencenada

O projeto de investigação e produção artística “Berlin<>Rio: trajetos e memórias” iniciou-se em 2014, quando fui para Berlin realizar pesquisa de pós-doutorado no Instituto de História da Arte da *Freie Universität*. Antes de viajar, encontrei um pacote de 10 diapositivos (*slides* em cores no formato 35 mm) identificados com a palavra “Berlin”, escrita com a letra do meu pai, Gerhard Valentin. Levei-o fechado comigo e resolvi abri-lo somente alguns meses depois, quando encontraria com meu irmão na Europa. Juntos, descobrimos que Gerhard viajou para Berlin com sua mãe, minha avó Martha Valentin. As fotos revelaram que passearam de ônibus turístico e a pé pela cidade; há registros do muro de Berlin e de outros locais. Não sabíamos, no entanto, quando haviam sido realizadas e por que viajaram juntos para lá.

Procurei, inicialmente, decifrar aquelas fotografias e percorrer os mesmos caminhos, fotografando com filme preto e branco os lugares por onde meu pai e minha avó haviam passado. À medida em que fui revisitando aquelas imagens, aprofundei-me nesse trajeto, ampliando a busca por pistas, vestígios e camadas de memórias que, direta ou indiretamente, dialogassem com minha ancestralidade.



Figura 1: Abrindo o pacote de diapositivos de Gerhard Valentin. Fotografia, impressão jato de tinta, 36 x 135 cm, Andreas Valentin, 2014.

No final da década de 1930, meus pais e avós de origem judaica foram forçados pelo nazismo a deixar a Alemanha e se exilar no Rio de Janeiro. Meu avô, Bruno Valentin (médico, pesquisador e professor universitário), colecionou ao longo de sua vida



fotografias, relatórios, atestados, boletins e certidões relacionados à história familiar, documentação a partir da qual ele relatou, no exílio, a saga de nossa família (Valentin, 1963). A esse acervo somaram-se as fotografias, cartas e relatos de viagens de meu pai na Alemanha e no Brasil nas décadas de 1930-1950. Mantido hoje por mim e por meu irmão, esse arquivo foi minha principal fonte de pesquisa. A partir de episódios pontuais vividos por cinco gerações em diferentes sistemas políticos e culturais na Alemanha e no Brasil, busquei criar novos sentidos para esses documentos. A “geografia familiar” (Waal, 2011: 250) aqui proposta atravessa a Prússia no início do século XIX, quando meu tataravô Valentin Manheimer fundou o primeiro negócio de moda na Alemanha; passa pela afirmação social e a formação de meus avós e bisavós no período após a unificação da Alemanha em 1871; retrata o engajamento de meu avô na Primeira Guerra Mundial e seu crescimento profissional durante a República de Weimar; enfatiza o crescente medo nos anos do Nazismo antes da Segunda Guerra Mundial e o conseqüente exílio para Brasil no final dos anos 1930; relata a reconstrução da vida de meus familiares no Rio de Janeiro; fecha-se o círculo com o retorno de meus avós paternos à Alemanha nos anos 1960 e, a partir de 2014, minha própria reaproximação com o país.

Para construir essa narrativa, utilizei principalmente a fotografia. Sobrepondo-se ao documental e à escrita, ela se manifesta de diversas maneiras: como registro, expressão artística, construção de memória e de significados. Pois, se uma fotografia pode ser “tanto uma pseudopresença quanto uma prova de ausência”, propus-me a materializar algumas lacunas com imagens e com textos. Com seus usos talismânicos, fotografias evocam o sentido do inatingível, provocam emoções, testemunham a “dissolução implacável do tempo” (Sontag, 2004: 26). Procurei recompor poeticamente esse tempo, trabalhei com fotografias históricas e realizei séries contemporâneas.

Por outro lado, para identificar os lugares visitados e fotografados por meu pai, Gerhard Valentin, foi necessário pesquisar a história e a geografia recentes de Berlin, cidade que aparenta estar em constante estado de incompletude, sempre por se fazer: “um lugar de trânsito, uma cidade de um passado e um futuro, mais do que um presente” (Schneider, 2014:18). Quatro dos seus diapositivos, por exemplo, mostram aspectos diversos do Muro de Berlin. Morando ali 25 anos depois da reunificação da cidade e do país, procurei entender o que significava uma cidade dividida e, mais, sua inusitada história recente de derrocadas, destruições, reconstruções e reconfigurações.

Através da fotografia, percorri os trajetos de meus ancestrais. Trabalhei com o conceito de *reenactment*, em seu sentido mais amplo, apropriando-me tanto do passado real, como daquele imaginado. Conforme Vanessa Agnew, “o gesto emancipatório do *reenactment* é permitir que os participantes possam selecionar seu próprio passado



como reação a um presente em conflito; paradoxalmente, a própria a-historicidade do *reenactment* é a pré-condição para o seu engajamento com assunto históricos” (Agnew, 2004: 328).¹ Assim, além das dez imagens refotografadas, procurei por espaços que não necessariamente monumentalizassem a cidade, mas que reinterpretassem a Berlin que, nos meus percursos, passei a compreender melhor e que, de formas diversas pudessem dialogar com minha história familiar. A pé ou de bicicleta, as estratégias apontaram não para o lugar em si, mas para o “espaço como lugar praticado”, buscando “o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam” (Certeau, 1994: 202).

Contrariando o convencional de que cidades são feitas por gente e não por pedras, optei por fotografar uma Berlin sem pessoas. Vemos, por exemplo: o *Alexanderplatz* no silêncio do amanhecer de um domingo de inverno; o aeroporto de *Tempelhof*, desativado desde 2006, sem o movimento de aviões e passageiros; uma solitária mesa de pingue-pongue no parque de *Treptow*; e, no parque central *Tiergarten*, apenas pedras e bancos vazios testemunhando a história. A rara presença humana é apenas sugerida ou implicada. A escolha técnica da utilização da película em preto e branco deu-se, não por uma nostalgia do grão que se contrapõe ao pixel digital, mas pela vontade da materialidade e da química da prata. Estabeleço, assim, também uma conexão com os objetos fotográficos de meu pai: os álbuns, as fotografias em preto e branco e os diapositivos, ao mesmo tempo ponto de partida e de chegada, reconfiguram-se no trabalho autoral realizado em Berlin.

Reencenações.



Figura 2: Portão de Brandenburg, Berlin. Fotografia, original diapositivo 35 mm, projeção em vídeo, Gerhard Valentin, 1975.

¹ Tradução do autor. No original: “Reenactment’s emancipatory gesture is to allow participants to select their own past in reaction to a conflicted present; paradoxically, it is the very ahistoricity of reenactment that is the precondition for its engagement with historical subject matter” (Agnew, 2004: 328).



Figura 3: Portão de Brandenburg, Berlin. Fotografia, impressão em gelatina de prata, 19 x 29 cm, Andreas Valentin, 2016.



Figura 4: À beira do rio Spree, Berlin. Fotografia, original diapositivo 35 mm, projeção em vídeo, Gerhard Valentin, 1975.



Figura 5: À beira do rio Spree, Berlin. Fotografia, impressão em jato de tinta, 19 x 29 cm, Andreas Valentin, 2018.

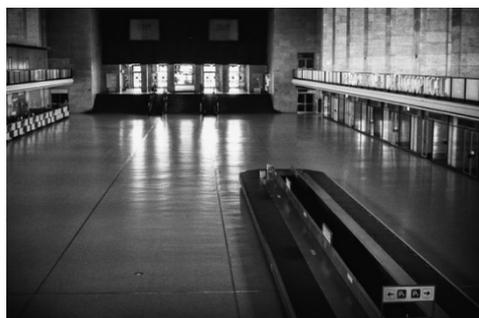


Figura 6: Aeroporto de Tempelhof, Berlin. Fotografia, impressão em jato de tinta, 44 x 64 cm, Andreas Valentin, 2015.



Figura 7: Circulando por Berlin. Fotografia, impressão em jato de tinta, 44 x 64 cm, Andreas Valentin, 2017.



Figura 8: Alexanderplatz, Berlin. Fotografia, impressão em jato de tinta, 44 x 64 cm, Andreas Valentin, 2016.



Figura 9: Treptowerpark . Fotografia, impressão em jato de tinta, 44 x 64 cm, Andreas Valentin, 2015.



Figura 10: Parque central Tiergarten, Berlin. Fotografia, impressão em jato de tinta, 64 x 94 cm, Andreas Valentin, 2014.



Figura 11: Parque central Tiergarten, Berlin. Fotografia, impressão em jato de tinta, 64 x 94 cm, Andreas Valentin, 2014.

Esse trabalho aponta também para viagens e deslocamentos. Ainda nos anos 1930, meu pai viajou com a família de carro e com a namorada de motocicleta por grande parte da Alemanha. Fotografou, editou as imagens e montou álbuns; produziu relatórios, escreveu cartas e construiu narrativas. Em 1937, numa viagem supostamente sem retorno, exilou-se no Rio de Janeiro.² Dois anos depois, seus pais também deixaram sua terra natal. No Brasil, Gerhard Valentin viajou a trabalho por grande parte do Rio Grande do Sul; morou dois anos em São Paulo; esteve em Belém, Itatiaia, Teresópolis, Petrópolis, entre muitos outros destinos. Em 1951, meus avós, Bruno e Martha Valentin, retornaram pela primeira vez à Alemanha. Três anos depois, meus pais fizeram também essa viagem. E, em 1967, Bruno e Martha decidiram retornar definitivamente para lá. Meu avô morreu dois anos depois; minha avó, em 1976. Nesses movimentos e nos encontros e experiências deles advindos, é possível identificar tanto o que James Clifford pensou como “viagem positiva - exploração, pesquisa, fuga”, como “negativa - transitoriedade, superficialidade, turismo, exílio e desarraigamento”. As viagens da família, com sua vasta documentação escrita e visual denota, ainda, uma “gama de

² Um conjunto de fotografias realizadas por meu pai antes de viajar para o Brasil foi por ele identificado “Vor der Ausreise, Ostern + Mai 1937” (“Antes da emigração, páscoa + maio 1937”). *Ausreise*, literalmente “viagem para fora”, refere-se a uma partida ou viagem sem retorno.



práticas materiais e espaciais, que produzem conhecimento, histórias, tradições, comportamentos, músicas, livros, diários e outras expressões culturais” (Clifford, 1997: 31-35).

2. Construção e exibição da narrativa familiar.

Em maio de 2018, foi inaugurada no *Haus am Kleistpark*, Berlin, a exposição “Berlin<>Rio: *Spuren und Erinnerungen*”.³ Nas cinco salas do centro cultural, fotografias originais, reproduções, documentos e objetos do acervo familiar se contrapõem a impressões digitais em grande formato de fotografias que realizei em Berlin e no Brasil entre 2014 e 2018.

Ao entrar na galeria, vemos a reprodução de um quadro, pintado em 1887 por Anton von Werner e hoje abrigado no Museu Histórico da Alemanha em Berlin. Ali estão retratados meu tataravô Valentin Manheimer, suas cinco filhas e vários netos celebrando seu 70º aniversário. Empreendedor judeu, um dos fundadores da indústria da confecção em Berlin, inaugurou em 1841 a primeira loja de moda feminina da cidade. A partir do diapositivo original no formato 5 x 7 polegadas realizado na década de 1990, foi feita uma nova digitalização e impressão medindo 300 x 420 cm, cerca de três vezes o tamanho da pintura. A imagem mostra todo o conteúdo do diapositivo, inclusive o fundo cinza, a escala de cores e marca “Kodak” estampada na película. Posicionada no início da exposição, introduz o conteúdo histórico da exposição e referência as diversas camadas de imagens e da própria fotografia utilizadas na narrativa ali apresentada.

A história da família é mostrada em fotografias originais, reproduções e desenhos, que acompanham uma linha do tempo. Informações históricas complementam o conteúdo e são oferecidas para o visitante num panfleto, uma espécie de guia da exposição. As imagens de meu pai Gerhard Valentin realizadas em Berlin são apresentadas em projeção de vídeo na mesma sala onde estão os *reenactements* – impressões em gelatina de prata, preto e branco, no formato 30 x 40 cm. Em outra sala, destacam-se as fotografias por ele realizadas no Rio de Janeiro e, em especial, aquelas nas montanhas no Parque Nacional de Itatiaia. Ali, nos anos 1940, ele conheceu minha mãe, Judy Valentin, cuja família também havia sido forçada ao exílio no Brasil. Itatiaia ocupa, portanto, uma parede de dez metros de comprimento, a maior do espaço expositivo. Vitruvianas com documentos e objetos de nosso acervo, tais como cartas, relatórios, diários,

³ Em 2015, “Berlin<>Rio: trajetos e memórias” foi contemplado com o Prêmio Marc Ferrez de Fotografia da FUNARTE; em 2016 foi realizada uma exposição no Centro Cultural Justiça Federal, Rio de Janeiro, acompanhada de um catálogo; e, em 2017, houve uma exposição na Sociedade Fluminense de Fotografia, Niterói.



livros, álbuns, medalhas e canetas, completam e a exposição e possibilitam diferentes experiências e fruições.



Figura 12: Os dez irmãos e irmãs Valentin em Berlim; meu avô Bruno está sentado à frente. Reprodução de fotografia, impressão jato de tinta, 20 x 28 cm, fotógrafo desconhecido, 1896.



Figura 13: Meus avós Martha e Bruno Valentin durante a Primeira Guerra Mundial. Fotografia, impressão gelatina de prata, 13 x 18 cm, fotógrafo desconhecido, 1917.



Figura 14: Viajando com a família pela Alemanha. Fotografia, impressão gelatina de prata, 11 x 15 cm, Gerhard Valentin, 1936.



Figura 15: No navio, a caminho do Brasil, meu avô Bruno Valentin olha com binóculos para a costa de Portugal. Reprodução de fotografia, impressão jato de tinta, 70 x 100 cm, Gerhard Valentin, 1936.



Figura 16: Gerhard e Bruno Valentin recém-chegados no Rio de Janeiro. Desenho, nanquim sobre papel, Georg Hoeltje, 1937.



Figura 17: Praça Paris, Rio de Janeiro. Fotografia, impressão gelatina de prata, 7 x 9 cm, Gerhard Valentin, 1937.



Figura 18: Praça Paris, Rio de Janeiro. Fotografia, impressão jato de tinta, 64 x 94 cm, Andreas Valentin, 2017.



Figura 19: Judy Valentin no Parque Nacional de Itatiaia. Reprodução de fotografia, impressão jato de tinta, 30 x 40 cm, Gerhard Valentin, 1944.



Figura 20: Reenactment da fotografia acima. Fotografia, impressão jato de tinta, 44 x 64 cm, Andreas Valentin, 2017.



Aspectos da exposição.



Figura 21: Entrada (foto Gerhard Haug, maio 2018).



Figura 22: Sala “Brasilien”: à direita, parte da parede “Itatiaia”; à esquerda, fotografias originais e a linha do tempo; ao centro, na parede, fotografias contemporâneas do Rio de Janeiro e, no meio, uma vitrine com objetos, livros e documentos (foto Gerhard Haug, maio 2018).



Figura 23: Vista parcial da Sala “Berlin” (foto Gerhard Haug, maio 2018).



Um catálogo com textos em alemão e em inglês acompanha a exposição, que permaneceu em cartaz até 12/8/2018.

Referências bibliográficas

- Agnew, V. (2004), What is Reenactment?, in *Criticism*, vol. 46, n. 3, 327-339.
- Certeau, M. de (1994). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Clifford, J. (1997). *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press.
- Sneider, P. (2014). *Berlin now: the rise of the city and the fall of the wall*. Londres: Penguin Books.
- Sontag, S. (2004). *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia das Letras.
- Valentin, B. (1963) *Die Geschichte der Familien Valentin-Loewen und Manheimer-Behrend. Manuscrito*, Rio de Janeiro. Consultado em: <http://www.archive.org/stream/valentinfamily00reel01#page/n34/mode/1up>.
- Waal, E. de (2011) *The hare with amber eyes: a hidden inheritance*. Londres: Random House.

Andreas Valentin é fotógrafo, pesquisador e curador. Doutor em História Social (UFRJ), com uma pesquisa sobre a fotografia amazônica do alemão George Huebner (1862-1935). Mestre em Ciência da Arte (UFF) e graduado em História da Arte e Cinema (Swarthmore College, Pennsylvania, EUA). É professor-adjunto de Fotografia e História da Arte (UERJ). Em 2018 exibiu no Haus am Kleistpark, Berlin a exposição de fotografias *Berlin<>Rio: Spuren und Erinnerungen*, projeto contemplado em 2016 com o Prêmio Marc Ferrez de Fotografia da FUNARTE.

✉ andreasvalentinrio@gmail.com